



ESTADO DE SERGIPE  
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA  
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO  
RECORTE DE JORNAIS

**CINFORM**

www.cinform.com.br

**IVZ**

Aracaju - SE, 2 a 8 de setembro de 2013, Ano XXX, Edição 1586

## O lixo nosso de cada dia

O lixo é sujo, descartável, imundo. É para ser relegado. Ninguém quer chegar perto, se aproximar. Nós nem sequer nos importamos com o que jogamos fora. Não lembramos de meio ambiente, poluição e consciência ecológica. Nada disso conta quando enchemos as sacolas de plástico e as depositamos nas lixeiras. Com nojo, ninguém se imagina remexendo em montanhas de lixões. Mas, em Sergipe, mais de quatro mil pessoas mexem e remexem nos 147 lixões espalhados pelo Estado em busca de sustento e sobrevivência - são catadores de resíduos sólidos, separam material reciclado para vender a empresários que reciclam plástico, metal e papelão. Eles, esses 4.081 catadores, apontados em recente pesquisa do Ipea, ganham menos do que um salário-mínimo por mês por jornadas diárias exaustivas, desumanas de uma das profissões mais degradantes que existem. Em Sergipe, não há coleta seletiva ou campanhas governamentais que priorizem o trabalho do catador de lixo e conscientize a população da importância de dar um melhor destino ao próprio lixo, ações existentes em outras cidades brasileiras que visem a políticas ecológicas como maneira de gerar empregos, renda e qualidade de vida. Mais de quatro mil pessoas vivem, diretamente, do lixo. Porém, esse número poderia ser muito maior.

Os catadores de Sergipe são os mais pobres do Brasil. Esse também é um dado que a pesquisa Ipea traz sobre a situação de miséria de quem sobrevive do lixo no Estado. Recentemente, após 15 anos de constantes ações movidas pelo Ministério Público do Estado de Sergipe - MPE/

SE - três lixões foram desativados na Capital. No lugar, por meio de uma parceria público-privada, está sendo instalado um aterro sanitário e uma unidade de transbordo para tratamento desses resíduos sólidos. Mas, apesar do tratamento adequado, ainda há desperdício. Pois muito material (plástico), que poderia ser reciclado, virar matéria-prima para empresários e gerar renda para os catadores está simplesmente sendo depositado ali e "esquecido". Claro que um aterro, o primeiro estágio de seis subsequentes, para um Estado que nunca teve nenhum, já representa um avanço. Mas é pouquíssimo para uma cidade que se autointitula como "Capital da qualidade de vida".

Porque administrar como o lixo nosso de cada dia está sendo descartado é obrigação governamental, seja do prefeito, seja do Governo Estadual. Qualidade é vida é saúde. E consciência ecológica e maneira adequada de tratar o que é "descartável" faz com que os lençóis freáticos (água que bebemos) não sejam contaminados nem provoquem doenças.

Quem pensa que o problema só envolve comunidades carentes e crianças que ali vivem está muito enganado. O problema gera transtornos em todas as áreas da sociedade e afeta todos, quase que por igual. Mas para aqueles que visam somente ao lucro, que acreditam na força do dinheiro como única "moeda" da felicidade e pensam que ecologia é uma baboseira, saibam, lixo é rentável, dá lucro e traz riqueza. Nem que seja por isso, pelo dinheiro com que possam lucrar, governantes e empresários deveriam pensar em maneiras de melhor aproveitar o lixo dos sergipanos.